

Aprovada pela Assembléia a Mensagem do Sínodo dos Bispos

A Palavra de Deus na trama da história

A mensagem da XII Assembléia geral ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre o tema «A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja», foi aprovada por aclamação durante a vigésima primeira congregação geral, realizada na manhã de 24 de Outubro. O Presidente Delegado de turno foi o Cardeal Levada. Participaram na votação 243 Padres sinodais.

Aos irmãos e irmãs, «paz e caridade, com fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. A graça esteja com todos aqueles que amam o nosso Senhor Jesus Cristo, com amor incorruptível». Era com esta saudação tão intensa e apaixonada que São Paulo concluía a sua Carta aos cristãos de Éfeso (cf. 6, 23-24). Com estas mesmas palavras nós, Padres sinodais, congregados em Roma para a XII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sob a orientação do Santo Padre Bento XVI, damos início à nossa mensagem, dirigida o imenso horizonte de todos aqueles que, nas diversas regiões do mundo, seguem Cristo como discípulos e continuam a amá-lo com amor incorruptível.

Voltaremos a propor-lhes a voz e a luz da Palavra de Deus, reiterando o antigo apelo: «Esta palavra está muito próxima de ti, está na tua boca e no teu coração, para que a ponhas em prática» (Dt 30, 14). E Deus mesmo dirá a cada um: «Filho do homem, todas as palavras que te disser, guarda-as e escuta-as com atenção» (Ez 3, 10). Agora, proporemos a todos uma viagem espiritual, que se realizará em quatro etapas e que, do eterno e do infinito de Deus, nos levará até às nossas casas e ao longo das ruas das nossas cidades.

I. A voz da Palavra: a revelação

1. «O Senhor falou-vos do meio do fogo: vós ouvistes o som das palavras, mas não vistes qualquer figura. Era somente uma voz» (Dt 4, 12). É Moisés que fala, evocando a experiência vivida por Israel na áspera solidão do deserto do Sinai. O Senhor tinha-se apresentado não como uma imagem ou uma efígie ou uma estátua semelhante ao bezerro de ouro, mas com «o som das palavras». Trata-se de um som que tinha entrado em cena nos próprios primórdios da criação, quando rompera o silêncio do nada: «No princípio... Deus disse: Que se faça a luz! E a luz fez-se... no princípio já existia o Verbo... e o Verbo era Deus... Tudo foi feito por meio dele, e sem Ele nada foi criado daquilo que existe» (Gn 1, 1.3; Jo 1, 1.3).

A criação não nasce de uma luta intradivina, como ensinava a antiga mitologia mesopotâmica, mas sim de uma palavra que vence o nada e cria o ser. O Salmista canta: «Pelos palavras do Senhor foram criados os céus, pelo sopro da sua boca, todo o seu exército... porque Ele falou e tudo foi criado, ordenou, e tudo começou a existir» (Sl 33, 6.9). E São Paulo repetirá: «Deus dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe» (Rm 4, 17). Assim, temos uma primeira revelação «cósmica» que torna a criação semelhante a uma imensa página aberta diante de toda a humanidade, que nela pode ler uma mensagem do Criador: «Os céus proclamam a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia transmite ao outro a sua palavra; uma noite transmite à outra a sua notícia. Não são ditos discursos de que não se percebe a voz; por toda a terra caminha o seu eco, até aos confins do universo a sua palavra» (Sl 19, 2-5).

2. Porém, a palavra divina está também na raiz da história humana. O homem e a mulher, que são «imagem e semelhança de Deus» (Gn 1, 27), e que portanto contêm em si a característica divina, podem entrar em diálogo com o seu Criador, ou podem afastar-se dele e rejeitá-lo através do pecado. Então, a Palavra de Deus salva e julga, penetra na trama da história com o seu tecido de vicissitudes e de acontecimentos: «Eu vi a miséria do meu povo no Egito e também tenho ouvido o seu clamor... conheço, pois, os seus sofrimentos. Estou decidido a libertá-lo das mãos dos egípcios e a conduzi-lo desta terra para uma terra fértil e espaçosa...» (Êx 3, 7-8). Por conseguinte, existe uma presença divina nas vicissitudes humanas que, através da ação do Senhor na história, são inseridas num desígnio mais elevado de salvação, para que «todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tm 2, 4).

3. A palavra divina eficaz, criadora e salvadora encontra-se, portanto, no princípio do ser e da história, da criação e da redenção. O Senhor vem ao encontro da humanidade, proclamando: «Eu disse e fiz!» (Ez 37, 14). Porém, há uma ulterior etapa que a voz divina percorre: é a da palavra escrita, a Graphé, ou as Grapháí, as Sagradas Escrituras, como se diz no Novo Testamento. Já Moisés tinha descido do cume do Sinai, «com as duas tábuas da aliança nas mãos, tábuas escritas nos dois lados, na frente e no verso. As

tábuas eram obra de Deus, e a escritura era feita por Deus» (Êx 32, 15-16). E o próprio Moisés imporá a Israel que conserve e volte a escrever estas «tábuas do Testemunho»: «Escreve sobre estas pedras todas as palavras desta lei, gravando-as bem» (Dt 27, 8).

As Sagradas Escrituras são o «testemunho» de forma escrita da palavra divina, são o memorial canônico, histórico e literário que testifica o acontecimento da Revelação criadora e salvadora. Portanto, a Palavra de Deus precede e excede a Bíblia, que contudo é «inspirada» por Deus» e contém a palavra divina eficaz (cf. 2 Tm 3, 16). É por isso que a nossa fé não tem no centro um livro, mas uma história de salvação e, como veremos, uma pessoa, Jesus Cristo, Palavra de Deus que se fez carne, homem, história. Precisamente porque o horizonte da palavra divina abrange e se estende para além da Sagrada Escritura, é necessária a presença constante do Espírito Santo, que «orienta para toda a verdade» (Jo 16, 13) aquele que lê a Bíblia. Esta é a grande Tradição, presença eficaz do «Espírito de verdade» no seio da Igreja, sentinela das Sagradas Escrituras, autenticamente interpretadas pelo Magistério eclesial. Mediante a Tradição chegamos à compreensão, à interpretação, à comunicação e ao testemunho da Palavra de Deus. O próprio São Paulo, proclamando o primeiro Credo cristão, reconhecerá a «transmissão» daquilo que ele «tinha recebido» da Tradição (cf. 1 Cor 15, 3-5).

II. O rosto da Palavra: Jesus Cristo

4. No original grego, são somente três as palavras fundamentais: *Lógos*, *sarx*, *eghéneto*, «o Verbo/Palavra que se fez carne». No entanto, este é o ápice não apenas daquela jóia poética e teológica que é o prólogo do Evangelho de João (1, 14), mas é o próprio coração da fé cristã. A Palavra eterna e divina entra no espaço e no tempo, assumindo um rosto e uma identidade humana, a tal ponto que é possível aproximar-se da mesma diretamente e pedir, como fez aquele grupo de gregos presentes em Jerusalém: «Queremos ver Jesus» (cf. Jo 12, 20-21). As palavras sem um rosto não são perfeitas, porque não realizam plenamente o encontro, como recordava Job, ao chegar ao termo do seu dramático itinerário de busca: «Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora foram os meus próprios olhos que te viram» (42, 5).

Cristo é «o Verbo que está junto de Deus e que é Deus», é «a imagem do Deus invisível, gerado antes de toda a criatura» (Cl 1, 15); mas é também Jesus de Nazaré, que caminha pelas estradas de uma província marginal do império romano, que fala uma língua local, que revela as características de um povo, o judeu, e da sua cultura. Por conseguinte, o Jesus Cristo real é carne frágil e mortal, é história e humanidade, mas é também glória, divindade e mistério: Aquele que nos revelou o Deus, que ninguém jamais viu (cf. Jo 1, 18). O Filho de Deus continua a ser tal também naquele cadáver que é depositado no sepulcro, e a Ressurreição é o testemunho vivo e eficaz disto.

5. Pois bem, a tradição cristã muitas vezes estabeleceu um paralelo entre a Palavra divina que se faz carne e a mesma Palavra que se faz livro. É isto que sobressai já na Criação, quando se professa que o Filho de Deus «encarnou por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria», mas também se confessa a fé no mesmo «Espírito Santo que falou por meio dos profetas». O Concílio Ecumênico Vaticano II faz sua esta antiga tradição, segundo a qual «o corpo do Filho é a Sagrada Escritura que nos foi transmitida» – como afirma Santo Ambrósio (In Lucam, VI, 33) – e declara abertamente: «As palavras de Deus, expressas com línguas humanas, tornam-se semelhantes à palavra dos homens, como outrora o Verbo do Pai eterno, assumindo a carne da debilidade humana, se tornou semelhante aos homens» (Dei Verbum, 13).

Com efeito, também a Bíblia é «carne», «letra», porque se exprime em línguas particulares, em formas literárias e históricas, em concepções ligadas a uma cultura antiga, conserva memórias de acontecimentos muitas vezes trágicos, as suas páginas são freqüentemente manchadas de sangue e de violência, no seu interior ressoa o riso da humanidade e escorrem as suas lágrimas, assim como se eleva a oração dos infelizes e a alegria dos namorados. Por causa desta sua dimensão «carnal», ela requer uma análise histórica e literária, que se realiza através dos vários métodos e abordagens oferecidos pela exegese bíblica. Cada leitor das Sagradas Escrituras, mesmo o mais simples, deve ter um conhecimento proporcionado do texto sagrado, recordando que a Palavra é revestida de palavras concretas às quais se sujeita e adapta, para ser audível e compreensível para a humanidade.

Trata-se de um compromisso necessário: se o excluirmos, poderemos cair no fundamentalismo que praticamente nega a encarnação da palavra divina da história, não reconhece que esta palavra se expressa na Bíblia segundo uma linguagem humana, que deve ser decifrada, estudada e compreendida, e ignora que a inspiração divina não eliminou a identidade histórica nem a personalidade própria dos autores humanos. Por este motivo, a Bíblia é também Verbo eterno e divino, e é por isso que exige outra compreensão, oferecida pelo Espírito Santo que se revela na dimensão transcendente da palavra divina, presente nas palavras humanas.

6. Eis, então, a necessidade da «Tradição viva de toda a Igreja» (Dei Verbum, 12) e da fé para compreender de modo unitário e completo as Sagradas Escrituras. Se nos limitarmos somente à sua «letra», a Bíblia permanece apenas um solene documento do passado, um nobre testemunho ético e cultural. Contudo, se se exclui a encarnação, pode-se cair no equívoco fundamentalista ou num vago espiritualismo ou psicologismo. Portanto, o conhecimento exegético deve entrelaçar-se de maneira indissolúvel com a tradição espiritual e teológica, para que não seja rompida a unidade divina e humana de Jesus Cristo e das Sagradas Escrituras.

Nesta harmonia reencontrada, o rosto de Jesus Cristo resplandecerá na sua plenitude e ajudar-nos-á a descobrir outra unidade, a profunda e íntima unidade das Sagradas Escrituras, o seu ser, sim, 73 livros, mas inseridos num único «Cânone», num só diálogo entre Deus e a humanidade, num único desígnio de salvação. Com efeito, «nos tempos antigos, muitas vezes e de diversos modos Deus falou aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas ultimamente falou-nos através do seu próprio Filho» (Hb 1, 1-2). Assim, Cristo lança a sua luz retrospectiva sobre toda a trama da história da salvação, revelando-lhe a coerência, o significado e a direção.

Ele é a confirmação, «o alfa e o ômega» (Ap 1, 8) de um diálogo entre Deus e as suas criaturas, distribuído no tempo e testemunhado na Bíblia. É à luz desta confirmação final que adquirem o seu «sentido integral» as palavras de Moisés e dos profetas, como já indicara o próprio Jesus numa tarde de Primavera, enquanto caminhava de Jerusalém para o povoado de Emaús, dialogando com Cléofas e com o seu amigo, «explicando-lhes todas as passagens da Escritura que se referiam a Ele» (Lc 24, 27).

Precisamente porque no centro da Revelação está a palavra divina que adquiriu um rosto, a meta final do conhecimento da Bíblia «não é uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (Deus caritas est, 1).

III. A casa da Palavra: a Igreja

Como a sabedoria divina no Antigo Testamento construiu a sua morada na cidade dos homens e das mulheres, alicerçando-a sobre sete colunas (cf. Pr 9, 1), assim também a Palavra de Deus dispõe de uma sua morada no Novo Testamento: é a Igreja, que haure o seu modelo da comunidade-mãe de Jerusalém, a Igreja fundada sobre Pedro e sobre os Apóstolos, e que hoje, através dos bispos em comunhão com o Sucessor de Pedro, continua a ser sentinela, anunciadora e intérprete da palavra (cf. Lumen gentium, 13). Nos Atos dos Apóstolos (2, 42), Lucas traça a sua arquitetura, fundamentada sobre quatro colunas ideais: «Eram perseverantes no ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações».

7. É sobretudo nisto que consiste a didaque apostólica, ou seja, a pregação da Palavra de Deus. Com efeito, o Apóstolo Paulo admoesta-nos que «a fé provém da escuta, e a escuta diz respeito à Palavra de Cristo» (Rm 10, 17). É da Igreja que sai a voz do arauto, que a todos propõe o querigma, ou seja, o anúncio primário e fundamental que o próprio Jesus proclamara no início do seu ministério público: «O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15). Os Apóstolos anunciam a inauguração do Reino de Deus e, portanto, da decisiva intervenção divina na história humana, proclamando a morte e a Ressurreição de Jesus Cristo: «Em nenhum outro existe salvação, pois não há debaixo do céu outro nome dado aos homens pelo qual possamos ser salvos» (At 4, 12). O cristão dá testemunho desta sua esperança «com docilidade, respeito e consciência reta», permanecendo sempre pronto para ser envolvido e talvez arrebatado pela tempestade da rejeição e da perseguição, consciente de que «é melhor sofrer fazendo o bem, que praticando o mal» (cf. 1 Pd 3, 16-17).

Além disso, na Igreja ressoa a catequese: ela está destinada a aprofundar no cristão «o mistério de Cristo, à luz da Palavra, para que todo o homem seja iluminado por ela» (João Paulo II, Catechesi tradendae, 20). No entanto, o ápice da pregação encontra-se na homilia, que ainda hoje para muitos cristãos é o momento principal do encontro com a Palavra de Deus. Neste gesto, o ministro deveria transformar-se também em profeta. De fato, com uma linguagem nítida, incisiva e substancial, e não apenas com autoridade, ele deve «anunciar as obras admiráveis de Deus na história da salvação» (Sacrosanctum concilium, 35) – oferecidas primeiro através de uma clarividente e viva leitura do texto bíblico proposto pela liturgia – mas deve também atualizá-las nos tempos e nos momentos vividos pelos ouvintes, e fazer desabrochar no seu coração a exigência da conversão e do compromisso vital: «O que temos que fazer?» (At 2, 37).

Por conseguinte, o anúncio, a catequese e a homilia supõem uma leitura e uma compreensão, uma explicação e uma interpretação, um compromisso da mente e do coração. Na pregação cumpre-se, deste

modo, um dúplice movimento. Com o primeiro, remonta-se à raiz dos textos sagrados, dos acontecimentos e dos ditos geradores da história da salvação, para os compreender no seu significado e na sua mensagem. Com o segundo movimento, volta-se a descer até ao presente, ao hoje vivido por aqueles que ouvem e lêem, sempre à luz de Cristo que é o fio luminoso destinado a unir as Sagradas Escrituras. Foi precisamente isto que o próprio Jesus fez – como já se disse – no itinerário de Jerusalém para Emaús, em companhia de dois dos seus discípulos. E também o fará o diácono Filipe, no caminho de Jerusalém para Gaza quando, com o funcionário etíope, empreenderá um diálogo emblemático: «Entendes o que estás a ler? (...) E como poderia eu compreender, sem alguém que me oriente?» (At 8, 30-31). E a meta será o encontro completo com Jesus Cristo no sacramento. Assim, apresenta-se a segunda coluna que sustém a Igreja, casa da palavra divina.

8. Trata-se da fração do pão. A cena de Emaús (cf. Lc 24, 13-35) é mais uma vez exemplar e reproduz aquilo que acontece todos os dias nas nossas igrejas: à homilia de Jesus sobre Moisés e os profetas segue-se, na mesa, a fração do pão eucarístico. Este é o momento do diálogo íntimo de Deus com o seu povo, é o ato da nova aliança selada no sangue de Deus (cf. Lc 22, 20), é a obra suprema do Verbo que se oferece como alimento no seu corpo imolado, é a fonte e o ápice da vida e da missão da Igreja. A narração evangélica da última Ceia, memorial do sacrifício de Cristo, quando é proclamada na celebração eucarística, na invocação do Espírito Santo, torna-se acontecimento e sacramento. Era por isso que o Concílio Vaticano II, num trecho de profunda intensidade, declarava: «A Igreja venerou sempre as Sagradas Escrituras, como o próprio Corpo do Senhor, sem jamais deixar, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar o pão da vida, tanto da mesa da Palavra de Deus, como do Corpo de Cristo, e de o distribuir aos fiéis» (Dei Verbum, 21). Por isso, trata-se de levar novamente ao fulcro da vida cristã «a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, unidas tão estreitamente entre si a ponto de constituírem um único ato de culto» (Sacrosanctum concilium, 56).

9. O terceiro pilar do edifício espiritual da Igreja, casa da Palavra, é constituído pelas orações, entrelaçadas – como recordava São Paulo – por «salmos, hinos e cânticos espirituais» (Cl 3, 16). Um lugar privilegiado é ocupado, naturalmente, pela Liturgia das Horas, a oração da Igreja por excelência, destinada a cadenciar os dias e os tempos do ano cristão, oferecendo sobretudo mediante o Saltério o alimento espiritual quotidiano aos fiéis. Juntamente com ela e com as celebrações comunitárias da Palavra, a tradição introduziu a prática da Lectio divina, leitura orante no Espírito Santo, capaz de abrir aos fiéis o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Jesus Cristo, palavra divina viva.

Ela começa com a leitura (lectio) do texto, que suscita uma interrogação de autêntico conhecimento do seu conteúdo real: o que diz o texto bíblico em si? Segue-se a meditação (meditatio), durante a qual a interrogação é a seguinte: o que é que o texto bíblico nos diz? Assim, chega-se à oração (oratio), que supõe mais uma pergunta: o que dizemos ao Senhor, em resposta à sua palavra? E conclui-se com a contemplação (contemplatio), durante a qual nós assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar, ao julgar a realidade, e então interrogamo-nos: em que consiste a conversão da mente, do coração e da vida, que o Senhor exige de nós?

Diante do leitor orante da Palavra de Deus eleva-se idealmente o perfil de Maria, a Mãe do Senhor, que «conserva todas estas coisas, meditando-as no seu coração» (Lc 2, 19; cf. 2, 51), ou seja – como diz o original grego – encontra o profundo núcleo que une os acontecimentos, os actos e as coisas, aparentemente desvinculadas entre si, no grande desígnio divino. Ou também se pode apresentar aos olhos do fiel que lê a Bíblia, a atitude de Maria, irmã de Marta, que se sentou aos pés do Senhor à escuta da sua palavra, impedindo que as agitações externas absorvam totalmente a sua alma, ocupando também o espaço livre para «a melhor parte» que não nos será tirada (cf. Lc 10, 38-42).

10. Eis-nos, finalmente, diante da última coluna que sustém a Igreja, casa da palavra: a koinonia, a comunhão fraterna, outro nome do ágape, ou seja, do amor cristão. Como Jesus recordava, para ser seus irmãos e suas irmãs, é necessário ser como «aqueles que ouvem a Palavra de Deus e que a põem em prática» (Lc 8, 21). A escuta autêntica é obedecer e agir, é fazer prosperar na vida a justiça e o amor, é oferecer na existência e na sociedade um testemunho na linha do apelo dos profetas, que unia constantemente a Palavra de Deus e a vida, a fé e a retidão, o culto e o compromisso social. Era isto que Jesus recordava muitas vezes, a partir da célebre admoestação do Sermão da Montanha: «Nem todo o que me diz: “Senhor, Senhor!” entrará no reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus» (Mt 7, 21). Nesta frase parece ressoar a palavra divina proposta por Isaías: «Este povo aproxima-se de mim somente com palavras e honra-me só com os lábios, enquanto o seu coração está longe de mim» (29, 13). Estas admoestações dizem respeito inclusivamente às Igrejas, quando não são fiéis à escuta obediente da Palavra de Deus.

Portanto, ela deve ser visível e legível já no próprio rosto e nas mãos do fiel, como sugeria São Gregório Magno, que via em São Bento e nos outros grandes homens de Deus, testemunhas de comunhão com Deus e com os irmãos, a Palavra de Deus que se fez vida. O homem justo e fiel não apenas «explica» as Sagradas Escrituras, mas «apresenta-as» diante de todos como realidade viva e praticada. É por isso que a viva lectio, vita bonorum, a vida dos bons é uma leitura/lição viva da palavra divina. Já São João Crisóstomo observava que os Apóstolos desceram do monte da Galiléia, onde tinham encontrado o Ressuscitado, sem tábuas escritas, como acontecera no caso de Moisés: a sua própria vida tornar-se-ia, a partir daquele momento, o Evangelho vivo.

Na casa da Palavra divina encontramos também os irmãos e as irmãs das demais Igrejas e Comunidades eclesiais que, apesar das separações ainda existentes, se encontram conosco na veneração e no amor à Palavra de Deus, princípio e manancial de uma primeira e real unidade, ainda que seja incompleta. Este vínculo deve ser revigorado sempre através das traduções bíblicas conjuntas, da difusão do texto sagrado, da oração bíblica ecumênica, do diálogo exegético, do estudo e da comparação entre as várias interpretações das Sagradas Escrituras, do intercâmbio dos valores ínsitos nas diversas tradições espirituais, do anúncio e do testemunho comum da Palavra de Deus num mundo secularizado.

IV. Os caminhos da Palavra: a Missão

«De Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a Palavra do Senhor» (Is 2, 3). A Palavra de Deus personificada «sai» da sua casa, o templo, e começa a percorrer os caminhos do mundo, para ir ao encontro da grande peregrinação que os povos da terra empreenderam em busca da verdade, da justiça e da paz. Com efeito, há também na moderna cidade secularizada, nas suas praças e nas suas ruas – onde parecem predominar a incredulidade e a indiferença, onde o mal parece prevalecer sobre o bem, criando a impressão da vitória de Babilônia sobre Jerusalém – um anseio escondido, uma esperança germinal, um sobressalto de esperança. Como se lê no livro do profeta Amós, «eis que virão dias em que mandarei a fome ao país, não a fome de pão, nem a sede de água, mas da escuta da Palavra do Senhor» (8, 11). É a esta forma que deseja responder a missão evangelizadora da Igreja.

Também Cristo ressuscitado lança aos Apóstolos receosos o apelo a saírem dos confins do seu horizonte protegido: «Ide e fazei discípulos de todas as nações... ensinando-as a observar tudo quando vos tenho mandado» (Mt 28, 19-20). A Bíblia está inteiramente imbuída de apelos a «não calar», a «clamar com força», a «anunciar a palavra oportuna e inoportuna», a ser sentinela que rompe o silêncio da indiferença. Os caminhos que se abrem diante de nós não são, pois, somente aqueles ao longo dos quais caminhavam São Paulo e os primeiros evangelizadores e, atrás deles, todos os missionários que se dirigiam aos povos de terras distantes.

11. A comunicação estende agora uma rede que abrange o globo inteiro, e o apelo de Jesus Cristo adquire um novo significado: «Aquilo que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia; e o que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados» (Mt 10, 27). Sem dúvida, a palavra sagrada deve ter uma sua primeira transparência e difusão através do texto impresso, com traduções realizadas em conformidade com a diversificada multiplicidade das línguas do nosso planeta. Contudo, a voz da palavra divina deve ressoar também através da rádio, das artérias informáticas da internet, dos canais virtuais online, dos cds, dos dvds, dos podcasts, e assim por diante; deve aparecer nos ecrãs televisivos e cinematográficos, na imprensa e nos eventos culturais e sociais.

Esta nova comunicação, em relação à tradicional, adotou uma sua específica gramática expressiva e é, portanto, necessário estar preparado não apenas tecnicamente, mas também sob o ponto de vista cultural, para este empreendimento. Numa época dominada pela imagem, proposta de modo particular por aquele instrumento hegemônico da comunicação, que é a televisão, ainda hoje é significativo e sugestivo o modelo privilegiado por Jesus Cristo. Ele recorria ao símbolo, à narração, ao exemplo, à experiência quotidiana, à parábola: «Falava-lhes de muitas coisas por meio de parábolas... e nada dizia às multidões sem ser com parábolas» (Mt 13, 3.34). No seu anúncio do reino de Deus, Jesus nunca passava por cima das cabeças dos seus interlocutores com uma linguagem aproximativa, abstrata e etérea, mas conquistava-os começando precisamente a partir da terra onde os seus pés estavam plantados, em vista de os conduzir da quotidianidade para a revelação do reino dos céus. Então, torna-se significativa a cena evocada por João: «Alguns deles queriam prender Jesus, mas ninguém lhe lançou as mãos. Os guardas foram, então, ter com os sumos sacerdotes e com os fariseus, e eles perguntaram-lhes: por que O trouxestes aqui? Os guardas responderam: homem algum jamais falou como este homem!» (Jo 7, 44-46).

12. Cristo caminha ao longo das ruas das nossas cidades e detém-se diante dos umbrais das nossas casas: «Eis que estou aqui e bato à porta; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua

casa e cearei com ele, e ele comigo» (Ap 3, 20). A família, fechada entre as paredes da própria casa, com as suas alegrias e os seus dramas, é um espaço fundamental onde fazer entrar a Palavra de Deus. A Bíblia está inteiramente constelada de pequenas e grandes histórias familiares, e o Salmista representa com vivacidade a cena tranqüila de um pai sentado à mesa, circundado pela sua esposa, semelhante a uma videira fecunda, e pelos filhos, como «rebentos de oliveira» (Sl 128). A própria cristandade das origens celebrava a liturgia na quotidianidade de uma casa, assim como Israel confiava à família a celebração da páscoa (cf. Êx 12, 21-27). A transmissão da Palavra de Deus tem lugar precisamente através da linha geracional, pelo que os pais se tornem «os primeiros arautos da fé» (Lumen gentium, 11). O Salmista recorda ainda: «Aquilo que ouvimos e aprendemos através dos nossos pais, não o podemos calar diante dos seus filhos; tudo transmitiremos às gerações vindouras: as glórias do Senhor e o seu poder, os prodígios que ele... e também eles, por sua vez, o transmitirão aos seus filhos» (Sl 78, 3-4.6).

Então, cada casa deverá dispor da sua Bíblia, conservá-la de modo concreto e digno, lê-la e com ela rezar, enquanto a família deverá propor formas e modelos de educação orante, catequética e didática sobre o uso das Sagradas Escrituras, para que «adolescentes e jovens, anciãos e crianças em conjunto» (Sl 148, 12) ouçam, compreendam, louvem e vivam a Palavra de Deus. Em particular as novas gerações, as crianças e os jovens, deverão ser destinatários de uma apropriada e específica pedagogia, que os leve a experimentar a fascinação da figura de Jesus Cristo, abrindo a porta da sua inteligência e do seu coração, também através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia da comunidade eclesial.

13. Na sua parábola do semeador, Jesus recorda-nos que existem terrenos áridos, pedregosos, sufocados pela vegetação (cf. Mt 13, 3-7). Quem empreende os caminhos do mundo descobre também as regiões periféricas onde se ocultam sofrimentos e pobreza, humilhações e opressões, marginalizações e misérias, enfermidades físicas e psíquicas, bem como a solidão. Muitas vezes, as pedras dos caminhos estão ensangüentadas pelas guerras e pelas violências, e nos palácios do poder a corrupção cruza-se com a injustiça. Eleva-se o brado dos perseguidos por causa da fidelidade à sua consciência e ao próprio credo. Alguns são arrebatados pela crise existencial ou têm na alma desprovida de um significado que dê sentido e valor à sua própria vida. Semelhantes a «sombras que passam, a um sopro ofegante» (Sl 39, 7), muitos sentem que incumbe sobre eles também o silêncio de Deus, a sua aparente ausência e indiferença: «Até quando, ó Senhor, continuarás a esquecer-te de mim? Até quando me esconderás o teu rosto?» (Sl 13, 2). E finalmente, o mistério da morte impõe-se diante de todos.

Este imenso respiro de dor que se eleva da terra para o céu é ininterruptamente representado pela Bíblia, que propõe precisamente uma fé histórica e encarnada. Seria suficiente apenas pensar nas páginas assinaladas pela violência e pela opressão, no grito amargo e contínuo de Job, nas veementes súplicas sálmicas, na subtil crise interior que percorre a alma de Qohelet, nas vigorosas denúncias proféticas contra as injustiças sociais. Além disso, sem atenuantes é a condenação do pecado radical que se manifesta em todo o seu poder devastador desde as origens da humanidade, num texto fundamental do Gênesis (cap. 3). Com efeito, o «mistério da iniquidade» está presente e age na história, mas é revelado pela Palavra de Deus, que em Jesus Cristo assegura a vitória do bem sobre o mal.

Mas acima de tudo, nas Sagradas Escrituras, quem predomina é a figura de Cristo, que inaugura o seu ministério público precisamente com um anúncio de esperança para os últimos da terra: «O Espírito do Senhor paira sobre mim; por isso, consagrou-me com a unção e enviou-me para anunciar aos pobres a boa nova, para proclamar aos prisioneiros a libertação e aos cegos a vista; para libertar os oprimidos, para proclamar o ano da graça do Senhor» (Lc 4, 18-19). A suas mãos tocam reiteradamente corpos enfermos ou infectados, as suas palavras proclamam a justiça, infundem coragem nos infelizes e concedem perdão aos pecadores. No final, Ele mesmo se aproxima da condição de servo, tornando-se semelhantes aos homens... humilhando-se a si mesmo e fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz» (Fl 2, 7-8).

Assim, Ele experimenta o medo de morrer («Pai, se for possível, afasta de mim este cálice!»), experimenta a solidão mediante o abandono e o traiçoeiro dos seus amigos, penetra a obscuridade da dor física mais cruel, através da crucifixão e até das trevas do silêncio do Pai («Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?»), e chega ao derradeiro abismo de cada homem, o abismo da morte («lançando um forte grito, Ele expirou»). Verdadeiramente, pode-se-lhe aplicar a definição que Isaías reserva ao Servo do Senhor: «Homem das dores, que conhece perfeitamente o sofrimento» (53, 3).

No entanto, também naquele momento extremo, Ele não deixa de ser o Filho de Deus: na sua solidariedade de amor e com o sacrifício de si mesmo, depõe no limite e no mal da humanidade uma semente de divindade, ou seja, um princípio de libertação e de salvação; através da sua entrega pessoal a nós, irradia

de redenção a dor e a morte, por Ele assumidas e vividas, e inaugura para nós o alvorecer da Ressurreição. Então, o cristão tem a missão de anunciar esta palavra divina de esperança, através da sua partilha com os pobres e os sofredores, através do testemunho da sua fé no Reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz, através da proximidade amorosa que não julga nem condena mas, ao contrário, sustenta, ilumina, conforta e perdoa, segundo o exemplo das palavras de Cristo: «Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos, e aliviarei-vos» (Mt 11, 28).

14. Pelos caminhos do mundo, a palavra divina gera para nós, cristãos, um encontro intenso com o povo judeu, ao qual estamos intimamente ligados através do comum reconhecimento e amor pelas Sagradas Escrituras do Antigo Testamento e porque é de Israel que «provém o Cristo segundo a carne» (Rm 9, 5). Todas as páginas sagradas judaicas iluminam o mistério de Deus e do homem, revelam tesouros de reflexão e de moral, delineiam o longo itinerário da história da salvação até ao seu cumprimento completo e explicam profundamente a encarnação da palavra divina nas vicissitudes do homem. Elas permitem-nos compreender plenamente a figura de Jesus Cristo que, como Ele mesmo declarou, «não veio para abolir a Lei e os Profetas, mas para os completar» (cf. Mt 5, 17); são o caminho de diálogo com o povo da eleição que de Deus recebeu «a adoção de filhos, a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas» (Rm 9, 4), e permitem-nos enriquecer a nossa interpretação das Sagradas Escrituras mediante os fecundos recursos da tradição exegética judaica.

«Bendito seja o meu povo, o Egito, a Assíria, obra das minhas mãos, e Israel, minha herança» (Is 19, 25). Portanto, o Senhor estende o manto protetor da sua bênção sobre todos os povos da terra, desejoso de que «todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tm 2, 4). Também nós, cristãos, ao longo das veredas do mundo, somos convidados – sem cair no sincretismo que confunde e humilha a própria identidade espiritual – a entrar em diálogo com respeito pelos homens e pelas mulheres das demais religiões, que ouvem e praticam fielmente as indicações dos seus livros sagrados, a partir do islão que na sua tradição aceita inúmeras figuras, símbolos e termos bíblicos, e que nos oferece o testemunho de uma fé sincera no Deus único, compassivo e misericordioso, Criador de todo o ser e Juiz da humanidade.

Além disso, o cristão encontra sintonias corais com as grandes tradições religiosas do Oriente, que nos ensinam nos seus textos sagrados o respeito pela vida, a contemplação, o silêncio, a simplicidade e a renúncia, do mesmo modo como o budismo. Ou então, como no hinduísmo, exaltam o sentido da sacralidade, o sacrifício, a peregrinação, o jejum e os símbolos sagrados. Ou ainda, como no confucionismo, ensinam a sabedoria e os valores familiares e sociais. Também às religiões tradicionais, com os seus valores espirituais expressos mediante os ritos e as suas culturas orais, desejamos prestar a nossa cordial atenção e entretecer com elas um diálogo respeitoso. Também com aqueles que não crêem em Deus, mas que se esforçam por «praticar a justiça, amar a bondade e caminhar com humildade» (Mq 6, 8), temos o dever de trabalhar em vista de um mundo mais justo e pacífico, oferecendo-lhes mediante o diálogo o nosso testemunho genuíno da Palavra de Deus, que pode revelar-lhes novos e mais excelsos horizontes de verdade e de amor.

15. Na sua Carta aos Artistas (1999), João Paulo II recordava que «a Sagrada Escritura se tornou uma espécie de “imenso vocabulário” (Paul Claudel) e de “mapa iconográfico” (Marc Chagall), do qual hauriram a cultura e a arte cristã» (n. 5). Goethe estava convencido de que o Evangelho é a «língua materna da Europa». A Bíblia, como já se costuma dizer, é «o grande código» da cultura universal: os artistas banharam idealmente o seu pincel naquele alfabeto colorido de histórias, símbolos e figuras que são as páginas bíblicas, inspirando-se nos textos sagrados, sobretudo sálmicos; e os músicos fizeram as suas composições; durante séculos, os escritores inspiraram-se nas antigas narrações, que assim se tornavam parábolas existenciais; os poetas interrogaram-se sobre o mistério do espírito, sobre o infinito, o mal, o amor, a morte e a vida, daí haurindo freqüentemente as vibrações poéticas que animavam as páginas bíblicas; quanto aos pensadores, aos homens de ciência e à própria sociedade, não raro tiveram como ponto de referência, mesmo por contraste, os conceitos espirituais e éticos (pensemos no Decálogo) da Palavra de Deus. Mesmo quando a figura ou a idéia presente nas Sagradas Escrituras era deturpada, reconhecia-se que ela é imprescindível e constitutiva da nossa civilização.

É por isso que a Bíblia – que nos ensina inclusive a via pulchritudinis, ou seja, o percurso da beleza para compreender e alcançar Deus («cantai a Deus com toda a arte!», convida-nos o Salmo 47, 8) – é necessária não somente para o crente, mas para todos, a fim de poder descobrir de novo os significados autênticos das várias expressões culturais e, principalmente, para reencontrar a nossa própria identidade histórica, civil, humana e espiritual. É com esta raiz da nossa grandeza e através dela que podemos apresentar-nos com um nobre patrimônio às outras civilizações e culturas, sem qualquer complexo de

inferioridade. Portanto, a Bíblia deveria ser conhecida e estudada, sob este extraordinário perfil de beleza e de fecundidade humana e cultural.

Todavia, a Palavra de Deus – para utilizar uma significativa imagem paulina – «não se deixa acorrentar» (2 Tm 2, 9) por uma cultura; pelo contrário, ela aspira a ultrapassar as fronteiras, e precisamente o Apóstolo foi um extraordinário artífice de inculturação da mensagem bíblica no contexto de novas coordenadas culturais. É isto que a Igreja é chamada a fazer também nos dias de hoje, através de um processo delicado mas necessário, que recebeu um vigoroso impulso do magistério do Papa Bento XVI. Ela deve fazer penetrar a Palavra de Deus na multiplicidade das culturas e expressá-la em conformidade com as respectivas linguagens, as suas concepções, os seus símbolos e as suas tradições religiosas. Porém, há-de ser sempre capaz de conservar a substância genuína dos seus conteúdos, velando e controlando os riscos de degeneração.

Portanto, a Igreja deve fazer resplandecer os valores que a Palavra de Deus oferece às demais culturas, de tal forma que através dessa elas sejam purificadas e fecundadas. Como já dizia o Papa João Paulo II ao episcopado do Quênia, durante a sua viagem à África em 1980, «a inculturação será realmente um reflexo da encarnação do Verbo, quando uma cultura, transformada e regenerada pelo Evangelho, produz na sua própria tradição expressões originais de vida, de celebração e de pensamento cristão».

Conclusão

«A voz que eu tinha ouvido do céu disse-me: «Toma o livrinho aberto da mão do anjo...». E o anjo disse-me: «Toma-o e come-o; ele encher-te-á as vísceras de amargura, mas na tua boca será doce como mel». Tomei aquele pequeno livro das mãos do anjo e comi-o; na minha boca, era doce como o mel; depois de o ter comido, as minhas entranhas ficaram repletas de amargura» (Ap 10, 8-11).

Irmãos e irmãs do mundo inteiro, aceitemos também nós este convite; aproximemo-nos da mesa da Palavra de Deus, de forma a alimentar-nos e vivermos «não só de pão, mas também de tudo aquilo que sai da boca do Senhor» (Dt 8, 3; Mt 4, 4). A Sagrada Escritura – como já afirmava uma grande figura da cultura cristã – «contém trechos oportunos para consolar todas as condições humanas, e passagens adequadas para encher de medo em todas as condições» (B. Pascal, Pensamentos, n. 532, ed. Brunschvicg).

Com efeito, a Palavra de Deus é «mais doce que o mel e o suco dos favos» (Sl 19, 11), é «lâmpada para os passos e luz para o caminho (Sl 119, 105), mas é também «como todo o fogo ardente e como um martelo que quebra a rocha» (Jr 23, 29). É como a chuva que irriga a terra, que a fecunda e a faz germinar, fazendo assim florescer também a aridez dos nossos desertos espirituais» (cf. Is 55, 10-11). Contudo, é ainda «viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; ela penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas, e discerne os sentimentos e as intenções do coração» (Hb 4, 12).

O nosso olhar dirige-se com afeto a todos os estudiosos, aos catequistas e aos outros servos da Palavra de Deus, para lhes manifestar a nossa intensa e cordial gratidão pelo seu ministério precioso e importante. Dirigimo-nos também aos nossos irmãos e às nossas irmãs que são perseguidos, ou que chegam a ser mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho que dão do Senhor Jesus (cf. Ap 6, 9): como testemunhas e mártires, eles transmitem-nos «a força da palavra» (Rm 1, 16), origem da sua fé, da sua esperança e do seu amor a Deus e aos homens.

Agora, façamos silêncio para ouvir eficazmente a palavra do Senhor e conservemos o silêncio depois da escuta, para que ela continue a permanecer, a viver, e a falar em nós. Façamos com que ela ressoe no início do nosso dia, para que Deus tenha a primeira palavra, e deixemo-la ecoar em nós à noite, a fim de que a última palavra seja de Deus.

Estimados irmãos e irmãs, «saúdam-vos todos aqueles que se encontram conosco. Saudai todos os que nos amam na fé. A graça esteja com todos vós!» (Tt 3, 15).

(Extraído do L'Osservatore Romano n° 044 P06-10 - 01/11/2008)